



A POLARIZAÇÃO REGIONAL E A IMPORTÂNCIA FUNCIONAL DA CIDADE DE CERES NO TERRITÓRIO GOIANO

Wagner Abadio de Freitas ¹
Fernando Luiz Araújo Sobrinho ²

RESUMO

A constituição da centralidade da cidade de Ceres estabelecida no território goiano a partir da institucionalização da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) possibilitou a inserção de objetos técnicos e ampliou gradativamente a área de influência da Colônia Agrícola. Nesse contexto, no início da década de 1950, a Colônia Agrícola foi emancipada politicamente originando assim o município de Ceres que absorveu o legado herdado e deu continuidade às potencialidades e funcionalidades produtivas existentes. Em face destes propósitos, a organização deste artigo foi pautada em algumas etapas metodológicas que foram compostas por leitura e levantamento bibliográfico que versam e dialogam com os sujeitos e objetos intrínsecos à pesquisa; trabalho de campo realizado no espaço intraurbano da cidade de Ceres; levantamento de dados primários e secundários e interpretação geográfica da dinâmica regional. Nesse sentido, a centralidade de Ceres deve ser compreendida sob a ótica regional pois o papel funcional desempenhado por esta cidade difere da maioria das cidades de pequeno porte existentes no país. Esta diferença revela a singularidade da cidade de Ceres que mesmo caracterizada como uma cidade pequena consegue expressar sua influência regional sendo referência na oferta de serviços de saúde e educação.

Palavras-chave: Centralidade, Funcionalidade, Território Cidade Pequena, Serviços.

ABSTRACT

The establishment of the centrality of the city of Ceres within the state of Goiás through the institutionalization of the National Agricultural Colony of Goiás (CANG) enabled the insertion of technical facilities and gradually expanded the area of influence of the Agricultural Colony. In this context, in the early 1950s, the Agricultural Colony was politically emancipated, giving rise to the municipality of Ceres, which absorbed the inherited legacy and continued the existing productive potential and functionalities. In light of these objectives, this article was organized through several methodological stages: reading and bibliographical research that addresses and engages with the subjects and objects intrinsic to the research; fieldwork conducted in the intra-urban space of the city of Ceres; primary and secondary data collection; and geographic interpretation of regional dynamics. In this sense, the centrality of Ceres must be understood from a regional perspective, as the functional role played by this city differs from that of most small cities in the country. This difference reveals the uniqueness of the city of Ceres, which, despite being characterized as a small city, manages to express its regional influence by being a reference in the provision of health and education services.

Keywords: Centrality, Functionality, Small Town Territory, Services.

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília - UnB, wagner.freitas@ifgoiano.edu.br;

² Coautor: Doutor, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília - UnB, flastarvalho@gmail.com;



INTRODUÇÃO

Ocupar o Planalto Central brasileiro a partir do discurso ideológico “A Marcha para o Oeste”, difundido pelo Governo Federal no final da década de 1930, foi uma ação de grande envergadura. Criar instrumentos legais e institucionais para viabilizar a criação das Colônias Agrícolas Nacionais implantadas em diferentes regiões do território nacional materializou parte deste discurso. Consequentemente, ocupar os “vazios” demográficos no interior do país, integrou de forma mais efetiva as regiões brasileiras ao centro de comando econômico sediado na região sudeste do país à época.

Deste modo, as interações sociais, culturais, políticas e econômicas manifestadas no espaço geográfico podem ser vistas como heranças de tempos rápidos e lentos compreendidas como produto da ação intencional da sociedade no território onde são inseridas. Assim, a constituição da centralidade da cidade de Ceres estabelecida no território goiano a partir da institucionalização da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) possibilitou a inserção de objetos técnicos e ampliou gradativamente a área de influência da Colônia Agrícola. Nesse contexto, no início da década de 1950, a Colônia Agrícola foi emancipada politicamente originando assim o município de Ceres que absorveu o legado herdado e deu continuidade às potencialidades e funcionalidades produtivas existentes.

Com os avanços na produção agrícola impulsionados desde a implantação da CANG na década de 1940, e um gradual incremento do setor terciário potencializado a partir da década de 1970, a cidade de Ceres promoveu uma participação mais efetiva no cenário regional. A diversificação das atividades econômicas, em especial dos serviços relacionados aos setores de saúde e educação, possibilitou uma dinâmica mais relevante e complexa na rede urbana tornando-se, simultaneamente, centro e centralidade baseado em um movimento centrípeto dos municípios do entorno em busca dos serviços ofertados em Ceres.

Portanto, a proposta deste estudo visa abordar a polarização regional e a importância funcional da cidade de Ceres no território goiano. Deste modo, para compreender esta interface e estabelecer um diálogo relacionado com a temática proposta é importante destacar as zonas de influência que são capilarizadas pela cidade polo ou centro de referência pois a influência regional depende das funcionalidades e do grau de polarização desempenhado no âmbito político, econômico, cultural e social.



Destarte, para corroborar com o presente estudo alguns autores e pesquisas são basilares: Beaujeu-Garnier (1980), Castells (1983), Corrêa (1997), Lefebvre (1999), Rafestin (1993), REGIC (2018), Santos (1959), Spósito (2001) e Whitaker (2017). As contribuições existentes nos referidos estudos reitera que a produção material e imaterial da cidade está intrinsecamente articulada aos arranjos produtivos locais potencializados pelos agentes públicos e privados cuja intencionalidade visa atender demandas impostas pelo capital.

METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos para o desenvolvimento e organização deste processo investigativo pautaram-se em algumas etapas compostas por leitura e levantamento bibliográfico que versam e dialogam com os sujeitos e objetos intrínsecos à pesquisa; trabalho de campo realizado no espaço intraurbano da cidade de Ceres; levantamento de dados primários e secundários e interpretação geográfica da dinâmica regional.

Assim, o estudo proposto está organizado da seguinte forma: uma parte introdutória contendo um breve resgate histórico e contextualização da Colônia Agrícola Nacional de Goiás, a origem do município de Ceres e a constituição da centralidade. Em seguida, uma análise envolvendo conceitos precípuos sobre centro, centralidade, funcionalidade e polarização regional para sedimentar uma abordagem mais crítica do papel exercido por Ceres no território goiano e finalmente, após o diálogo teórico e o estudo empírico da pesquisa segue-se algumas considerações relativas à conjuntura socioespacial da rede urbana local e regional onde o município de Ceres está inserido.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para iniciar o diálogo teórico e conceitual o ponto de partida foi estabelecer a distinção entre duas terminologias: centro e centralidade. Nessa perspectiva, Spósito (2001, p. 235) esclarece que existe uma diferença conceitual entre centro e centralidade. Para a autora, “o centro se revela pelo que se localiza no território e a centralidade é desvelada pelo que se movimenta no território”. Nesse sentido, Castells (1983, p. 314) destaca que “o centro urbano não é uma entidade espacial definida de uma vez por todas, mas a ligação de certas funções ou atividades que preenchem um papel de comunicação entre os elementos de uma estrutura urbana”. Seguindo esta lógica conceitual Whitaker (2003, p. 128), destaca que:



[...] não existe cidade sem centralidade, por isso se compreende que a única categoria que possa ser utilizada para definir a cidade em todos os tempos é o centro. Mas deve-se procurar compreender o conteúdo da centralidade nos diferentes momentos históricos e recortes empreendidos para sua apreensão, na perspectiva de entender como se realiza no âmbito de diferentes formações sociais.

Todavia, a centralidade deve ser percebida como um atributo de uma área central e que possibilita conexões e interações entre o espaço intraurbano e interurbano das cidades. Esta relação ocorre em diferentes escalas espaciais (local, regional, nacional e global). Suas conexões escalares e funcionais demonstram a materialidade das dinâmicas decorrentes dos fluxos expressos nas relações socioeconômicas constituídas na rede urbana seguindo os parâmetros e os níveis de centralidade.

Na análise de Olanda (2010), centro e centralidade, estão diretamente associados, ou seja, um não existe sem o outro. Complementando esta discussão, Lefebvre (1999) destaca que a centralidade deve ser considerada como um movimento dialético e contraditório de constituição e destruição, que dinamiza os fluxos materiais e imateriais em direção às suas áreas de influência.

Deste modo, com a evolução dos sistemas técnicos a rede urbana goiana tornou-se mais flexível e complexa. Algumas cidades passaram a exercer determinadas funções que normalmente eram realizadas apenas pela capital do Estado – Goiânia – ou mesmo por outras metrópoles brasileiras. O progressivo processo de integração e incorporação de “novas” regiões à divisão territorial do trabalho potencializou as dinâmicas socioeconômicas no Estado de Goiás.

Estas dinâmicas, aliadas às políticas públicas de desenvolvimento regional, atraíram investimentos produtivos diretos e indiretos e acelerou o processo de urbanização e industrialização no Estado nas últimas décadas do século XX.

Várias cidades goianas ampliaram suas áreas de influência e suas bases econômicas. A oferta de empregos, a concentração de serviços ligados à saúde e educação, o suporte às atividades agrícolas, entre outras atividades, potencializa cidades de porte médio e em alguns casos as cidades de pequeno porte a se tornarem um típico polo regional.

Nesse sentido, entende-se que não existem cidades isoladas haja vista que as relações de interdependência são constituídas seguindo a lógica de produção e organização do território. Segundo Santos (1959, p. 07), “a cidade possui uma forma particular de organização do espaço, uma paisagem e, por outro lado, preside às relações de um espaço maior em seu derredor, que é a sua zona de influência”.



Esta zona, área ou região de influência é definida pelo raio de eficiência da oferta de um bem ou serviço disponível no núcleo urbano e depende da distância percorrida pela população de uma determinada cidade que carece do bem ou serviço ofertado. Assim, esta relação de dependência e interdependência na rede urbana, estabelece a importância relativa de um lugar em relação à região ou área de influência.

Entretanto, compreender o processo de constituição da centralidade de Ceres no território goiano exige cuidado teórico e metodológico considerando-se que parte relevante das pesquisas que abordam esta temática têm como recorte espacial cidades médias e regiões metropolitanas e nesse contexto, é possível encontrar no espaço intraurbano destas cidades várias centralidades.

Contudo, em cidades pequenas, a concentração de determinados serviços que potencializam a constituição da centralidade, geralmente se encontra localizada na porção central da mancha urbana, sendo que nesta tipologia de cidade verifica-se um único centro e uma única centralidade. Em alguns casos a centralidade ocorre com maior frequência entre o núcleo urbano e a zona rural do município. Em outros, a influência atinge um número maior de municípios e esta área depende da capacidade e complexidade dos bens e serviços ofertados.

Destarte, a cidade de Ceres aproxima-se deste último exemplo pois entende-se que a área de influência exercida não se limita à escala espacial local transpondo esta dimensão espacial e polarizando várias cidades da Microrregião de Ceres e do norte goiano. Nesse contexto, a cidade de referência – Ceres – estabelece seu raio de influência e a “forma de atividade” que sustenta a cadeia produtiva local.

O conhecimento destas atividades, indicam relações com um espaço mais amplo gerando um movimento centrífugo e centrípeto que paulatinamente definem e redefinem as zonas de influência capilarizada pela cidade polo. Assim, a centralidade pode ser parcial ou total e depende das funcionalidades e do grau de polarização desempenhado no âmbito político, econômico, cultural e social. Portanto, a produção material e imaterial da cidade está intrinsecamente articulada aos arranjos produtivos locais potencializados pelos agentes públicos e privados para atender às demandas impostas pelo capital.

Para Gaspar (1981, p. 52) a centralidade é o “índice que representa a extensão, o valor do exercício das funções centrais do lugar na área que serve”. Nesse sentido, Rafestin (1993, p. 187) destaca que “a centralidade é, portanto, na sua essência, uma entidade com duas faces: um ‘topos’ e uma ‘tensão’. Topos e tensão que persistem, enquanto estiverem ligados, e que dinamicamente se traduzem por movimentos centrípetos ou centrífugos”. Estes movimentos



são relativos pois cada região passa por reconfiguração temporal e espacial conduzida pelos centros de comando ou cidades de referência.

Nessa perspectiva, Corrêa (1997, p. 21), destaca que “a rede de localidades centrais constitui-se em uma estrutura territorial”, cuja análise possibilita a compreensão do sistema urbano e do grau de polarização que este sistema exerce regionalmente, pois a região é uma forma de ver o espaço em diferentes perspectivas. Para Lefebvre (1999, p. 46), esta perspectiva é vista como um processo duplo mediante organização de vazios, de dispersão e concentração. Segundo o autor:

Esse espaço urbano é contradição concreta. O estudo de sua lógica e de suas propriedades formais conduz à análise dialética de suas contradições. O centro urbano é preenchido até a saturação; ele apodrece ou explode. Às vezes, invertendo seu sentido, ele organiza em torno de si e o vazio, a raridade. Com mais frequência, ele supõe e propõe a concentração de *tudo* o que existe no mundo, na natureza, no cosmos: frutos da terra, produtos da indústria, obras humanas, objetos e instrumentos, atos e situações, signos e símbolos. Em que ponto? Qualquer ponto *pode* tornar-se foco, a convergência, o lugar privilegiado. De sorte que todo o espaço carrega em si esse possível-impossível, sua própria negação. De sorte que todo espaço urbano foi, é, e será, *concentrado* e *poli(multi)cêntrico*. A forma do espaço urbano evoca e provoca essa concentração e essa dispersão.

Porém, as considerações relativas aos fenômenos urbanos com esta natureza não são marcadas pela simplicidade, pois os objetos e sistemas técnicos inseridos no território tornam-se mais complexos e repletos de contradições potencializados pelos agentes produtores do espaço.

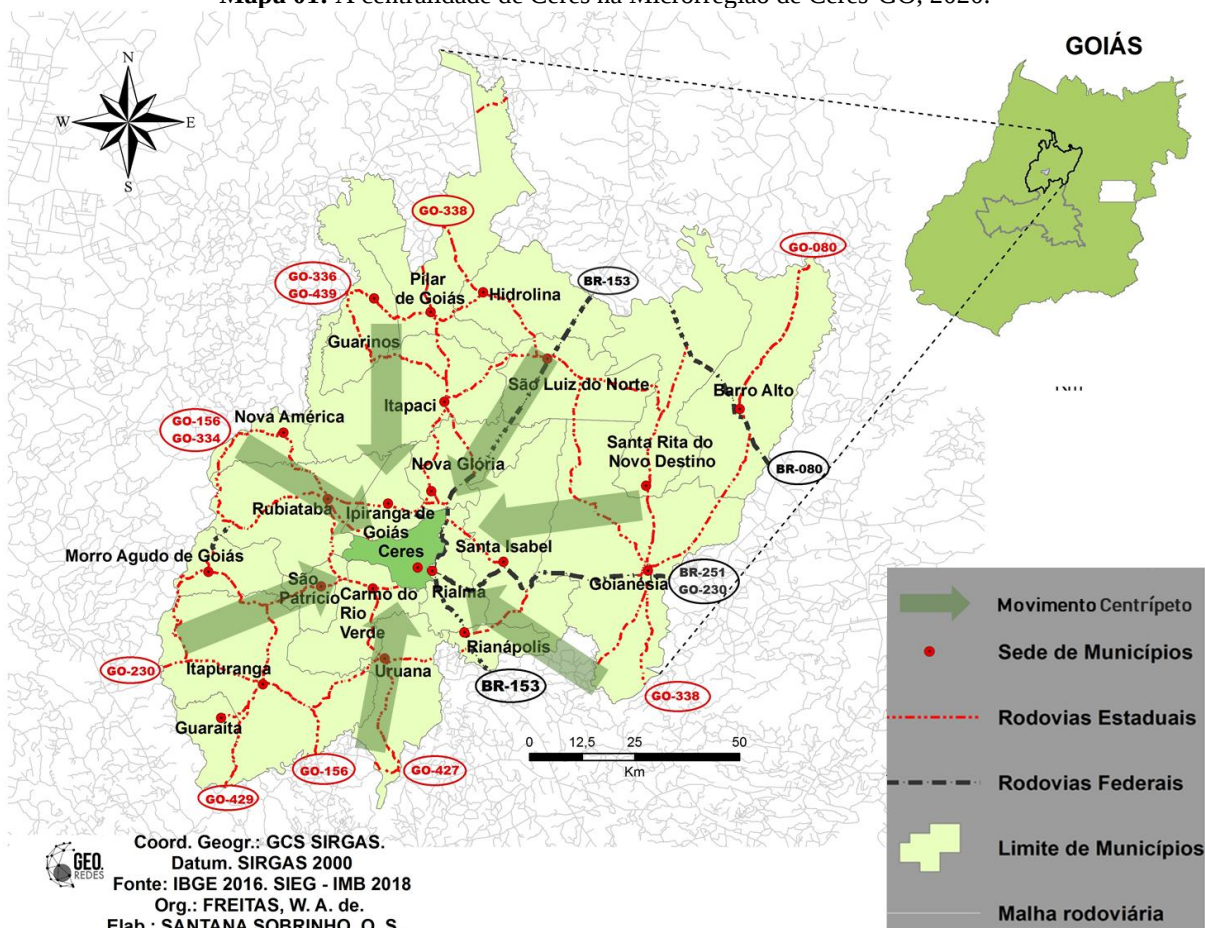
Logo, os equipamentos de saúde e educação instalados e território ceresino (hospitais, clínicas médicas, laboratórios de diagnósticos e de análise clínica, clínicas de fisioterapia, consultórios e clínicas odontológicas, farmácias, instituições de ensino superior, entre outros), desempenham papel central nos serviços ofertados e consumidos pela população local e regional. Nesse caminho teórico Whitacher (2017, p. 170) destaca que:

A centralidade é cambiante, na medida em que não se define pela localização, mas pelo movimento e pela articulação das diferentes localizações. Não se define também apenas no nível intraurbano, visto resultar da articulação de diferentes níveis, dimensões e escalas, sobretudo quando não se restringe a elaboração do modelo teórico à concepção de hierarquia urbana, mas se compreende a constituição de redes num padrão não necessariamente concêntrico, nas quais as articulações são estabelecidas por fluxos. A centralidade, portanto, não só é dinâmica e definida no tecido urbano pelos fluxos, mas é também pensada na escala da rede, podendo estas duas escalas se sobrepor, conforme características e tempos.

Assim, a influência que uma cidade exerce regionalmente é definida e redefinida a cada momento, solicitando novas leituras do território em que a centralidade é exercida. Deste modo, pode-se avaliar as metamorfoses nos arranjos produtivos locais, haja vista que a constituição da centralidade é relativa e depende dos objetos e sistemas técnicos instalados além dos equipamentos urbanos necessários para atender, com eficiência, às demandas socioeconômicas da cidade e da região.

Na Microrregião de Ceres, composta por 22 municípios, a população destes municípios recorre com frequência aos serviços de saúde e educação ofertados na cidade de Ceres que é o município de referência da microrregião.

Mapa 01: A centralidade de Ceres na Microrregião de Ceres-GO, 2020.



Fonte: IBGE, 2016. SIEG – IMB, 2018.

Nesse sentido, a centralidade de Ceres deve ser compreendida sob a ótica regional pois o papel funcional desempenhado por esta cidade difere da maioria das cidades de pequeno porte existentes no país. Esta diferença revela a singularidade da cidade de Ceres que mesmo caracterizada como uma cidade pequena consegue expressar sua influência regional sendo referência na oferta de serviços de saúde e educação.



A oferta de bens e serviços entre as cidades faz com que a população dos municípios do entorno desloque em diferentes escalas de tempo (diária, semanal, mensal etc.) para Ceres, cidade de referência, para adquirirem serviços de saúde, educação, entre outros. Conhecer e analisar esta dinâmica na Microrregião de Ceres com base nos fluxos de bens, serviços e gestão é um importante instrumento para realizar escolhas locais, tais como decidir a localização de uma universidade, de um hospital ou mesmo a localização de uma filial de empresa.

Os estudos relacionados às Regiões de Influência das Cidades (REGIC), desenvolvido pelo IBGE a partir da década de 1970, revelam importantes cenários regionais relacionados à hierarquia urbana e as áreas de influências dos centros urbanos tendo em vista a oferta de determinados equipamentos e serviços que atraem populações de outras localidades.

No ano de 2020, o IBGE publicou mais uma edição intitulada “Regiões de Influência das cidades 2018 - REGIC”. O estudo atualizou as relações estabelecidas na rede urbana nacional e apresentou a subordinação entre as cidades e as áreas de influência exercida no território. Nesse sentido, diante do cenário nacional e global relacionado a pandemia do “Coronavírus” (COVID-19³), no início do ano de 2020, o presente estudo divulgou informações relevantes relacionadas aos deslocamentos populacionais em busca de serviços de saúde de baixa, média e alta complexidade assim como o comportamento da rede de cidades que ofertam tais serviços.

No entanto, consta no referido documento a análise dos arranjos populacionais que foram sistematizados e mapeados a partir da análise e coleta de dados obtidos através da realização e aplicação de questionários. Nesse contexto, o questionário da pesquisa REGIC 2018,

Possui dois quesitos que investigam o deslocamento de pessoas partindo de seus municípios com destino a outros com o propósito de acesso a serviços de saúde de baixa, média e alta complexidade. Os resultados provenientes da base de dados desses quesitos permitem a visualização do comportamento da rede urbana do país na área de saúde, contribuindo para a identificação de regiões de atendimento e cidades polarizadoras de serviços de saúde. (IBGE. 2020).

Corroborando com a temática defendida no presente estudo, o REGIC 2018, apresentou a relação de cidades e a centralidade exercida no território. Assim, a equipe técnica do IBGE classificou o “Arranjo Populacional de Ceres – Rialma/GO” como deslocamento para serviços de baixa e média complexidade.

³ É uma doença causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves.



Todavia, é importante ressaltar que o REGIC, contempla toda a dimensão do território nacional, e nesse sentido, o recorte espacial do presente estudo, com foco na Microrregião de Ceres, revela dados empíricos mais específicos e detalhados possibilitando compreender com mais profundidade algumas especificidades e particularidades inerentes à oferta de serviços médico-hospitalares existentes na cidade de Ceres.

Portanto, correlacionar a constituição da centralidade de Ceres no território goiano torna-se relevante tendo em vista que este diálogo revela contribuições acerca do processo de polarização regional e funcional e reforça o papel desempenhado por Ceres na área de influência direta e indireta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As cidades, independentemente da classificação hierárquica, são definidas ou mesmo classificadas de acordo com os vínculos que estabelecem com o exterior na rede urbana onde estão inseridas. Assim, as relações de comando exercidas em sua área de polarização são, em certa medida, dependentes da natureza, da extensão, da importância e da intensidade das relações difundidas no território.

Nessa perspectiva a cidade é a base da vida regional e está pautada no poder oficial, administrativo, na densidade e importância dos equipamentos públicos e nos recursos da população. Estas relações variam no tempo e no espaço e são constituídas entre uma cidade e sua região ou zona de influência. Para Beaujeu-Garnier (1980, p. 399) a área de influência da cidade pode variar “em dimensão, em franjas, ou ao longo de certos eixos ligados a transportes preferenciais”.

Deste modo, o grau de integração entre cidades pertencentes a uma determinada região, demonstra a interação ou mesmo a conexão intrarregional. Esta interação está diretamente relacionada com suas funcionalidades produtivas desempenhadas em sua área de influência. Esta complementariedade estabelecida entre as cidades na rede urbana regional é denominada por Brown e Holmes (1978), como “Região Funcional”. Seguindo este raciocínio, Cabugueira (2000, p. 105) destaca que as regiões funcionais são

Áreas geográficas dotadas de coerência funcional a avaliar a partir das relações de interdependência. Na base da definição de regiões funcionais estão preocupações associadas à natureza e intensidade das interações de ordem econômica, em regra identificadas no espaço por polos (industriais), nós (de comunicação) ou centros (de serviços), “pontos” de elevada intensidade de relações.



Complementado esta análise, referente aos espaços polarizados, Hansen (1978, p.149) enfatiza que “uma região polarizada é um espaço heterogêneo, cujas diferentes partes se complementam e suportam umas às outras, e onde elas mantêm maior troca de artigos e serviços com um centro ou polo urbano intra-regional dominante do que com as regiões vizinhas”.

Nessa lógica de produção do espaço urbano e regional entende-se que a cidade de Ceres, ao longo de sua formação socioespacial, paulatinamente materializou sua identidade regional. Primeiramente, por meio da produção agrícola e, posteriormente, ofertando serviços relacionados aos setores de saúde, de educação e comercial os quais foram balizadores na constituição da centralidade de Ceres no território goiano.

Assim, ocupar o Planalto Central brasileiro a partir do discurso ideológico “A Marcha para o Oeste”, difundido pelo Governo Federal no final da década de 1930 foi uma ação de grande envergadura. Criar instrumentos legais e institucionais para viabilizar a criação das Colônias Agrícolas Nacionais implantadas em diferentes regiões do território nacional materializou parte deste discurso. Consequentemente, ocupar os “vazios” demográficos no interior do território nacional, integrou de forma mais efetiva as regiões brasileiras ao centro de comando econômico sediado na região sudeste do país à época.

Nessa perspectiva, seguindo a análise feita por François Perroux em 1955 referente aos polos de desenvolvimento e apresentada por Hansen (1978, p.146), é possível perceber que “o crescimento não aparece em todo lugar e de uma vez; aparece em determinados pontos ou polos de desenvolvimento, de intensidade variável; espalha-se ao longo de diversos canais e com efeitos terminais variáveis para o conjunto da economia”. Este caminho ou mesmo estratégia utilizada pelos agentes públicos e privados apropriam-se e incorporam determinadas regiões com potencial para a reprodução do capital visando atingir os seus interesses.

Um dos exemplos desse processo de produção e incorporação de novos territórios à dinâmica capitalista nacional foi a criação das Colônias Agrícolas Nacionais ao longo da década de 1940. Das oito Colônias Agrícolas Nacionais implantadas no país, a Colônia Agrícola Nacional de Goiás, alcançou, em vários aspectos (político, econômico e social), os objetivos propostos, tornando-se uma referência regional na produção de alimentos e disponibilizando aos colonos e pioneiros serviços básicos de saúde e educação, conforme as especificações contidas no Decreto Federal nº 3.059 de 14 de fevereiro de 1941.

Com a instalação de um hospital e de escolas no núcleo urbano e também na zona rural da CANG, para atender à população local e regional, o fluxo de pessoas em busca dos serviços médico-hospitalar e também educacionais, instaurou um processo embrionário de polarização



regional. Nesta perspectiva, a localização onde foram instalados os equipamentos de saúde e educação são frutos de ações políticas de períodos anteriores, ou seja, historicamente construídas.

Nesse percurso de construção social, histórica e geográfica, a cidade de Ceres, se tornou uma referência regional, pois o legado recebido da CANG ao longo da década de 1940, subsidiou a implantação de equipamentos urbanos necessários para difundir suas funcionalidades e potencialidades produtivas. Durante a segunda metade do século XX, vários pesquisadores desenvolveram estudos sistemáticos acerca do desenvolvimento regional. Vale destacar Rostow (1960), Schumpeter (1961 e 1982), Celso Furtado (1961, 1981 e 1991), Hirschman (1961), Myrdal (1968), além de Perroux (1975).

Para tanto, resgatar a origem do conceito de polarização regional amplia o entendimento das relações intrínsecas acerca do desenvolvimento regional vivenciado pela cidade de Ceres no território goiano pois as temáticas abordadas pelos pesquisadores mencionados anteriormente transpõem o tempo e o espaço e possibilitam novas leituras dos processos socioespaciais da contemporaneidade.

No livro *Urbanização e Regionalização* publicado em 1978, e organizado pelo geógrafo Speridião Faissol que na época trabalhava no IBGE, há um capítulo produzido pelo professor da Universidade Autônoma de Madri J. R. Lasuen cujo título do trabalho é “A respeito de polos de crescimento”. Neste trabalho, o autor inicia a análise a partir do conceito de “pôle de croissance” (polo de crescimento), relacionando-o aos conceitos conexos de: centros de crescimento, polos de desenvolvimento, regiões “core” e centros regionais. Nessa concepção, centrar-se-a o diálogo aqui apresentado com foco na polarização regional exercida pela cidade de Ceres no território goiano.

Nesse caminho teórico envolvendo o processo de polarização, Lasuen (1978, p. 124), apresenta considerações relevantes sobre a origem etimológica da palavra “polo” atribuindo o sentido utilizado por François Perroux na década de 1950. Para Lasuen,

A imagem que o termo transmite, em seu significado comum da língua inglesa, é o de um ente contínuo que é gradualmente estirado na direção de seus extremos opostos; a de dois polos opostos gerando forças que alteram pouco a pouco a ordenação dos elementos, no espaço existente entre eles, atraindo-os. No significado de Perroux, a imagem é de uma sucessão de campos de forças diferentes que geram uma sequencial mutável de vetores diferentes sobre o espaço funcional e geográfico. A confusão semântica deriva, essencialmente, do fato de que em inglês, em francês e em espanhol o termo polo (pole, pôle, polo), transmite os significados das duas raízes diferentes de onde derivam os termos latinos “palus” (estaca) e “polus” (eixo). Os dois diferentes significados originais e seus sentidos conexos (vetores e



extremos, respectivamente), foram mantidos como palavras separadas por tanto tempo quanto durou a grafia diferente das duas palavras. Elas se misturam sob a forma de “pole”, quando a grafia das palavras se tornou igual. Por exemplo (vide Webster), no inglês intermediário, “palus” mudou para “pol” (do inglês antigo, “pal”), enquanto “polus” era “pool”.

Diante da exposição apresentada por Lasuen (1978) o qual aborda as derivações do termo “polo”, é possível perceber que as forças existentes em cada unidade geográfica (cidade, região), estão susceptíveis à dominância econômica de uma unidade sobre a outra em razão de suas dimensões geográficas, da sua capacidade de negociação e das atividades ofertadas tanto em nível intraurbano, intrarregional e até mesmo inter-regional.

Assim, com a evolução e propulsão das instituições de saúde e educação na cidade de Ceres entende-se que as forças que atuaram e atuam onde estes equipamentos urbanos estão instalados geram forças centrífugas e centrípetas no espaço funcional e estas forças estão diretamente relacionadas com a distribuição espacial e distância dos municípios que recorrem aos serviços ofertados em Ceres. A tabela 01 destaca a distância das cidades pertencentes à Microrregião de Ceres em relação à cidade de Ceres.

Tabela 01: Distância das cidades pertencentes à Microrregião de Ceres em relação à cidade de Ceres-GO, 2025.

Município	Distância Km
Rialma	3,2
Carmo do Rio Verde	15,2
Rianápolis	20,3
Santa Isabel	24,7
Nova Glória	27,1
São Patrício	28,9
Uruana	33,7
Ipiranga de Goiás	38,0
Rubiataba	44,6
Itapaci	51,1
Morro Agudo de Goiás	61,6
Goianésia	63,9
São Luiz do Norte	64,2
Nova América	67,5
Itapuranga	68,0
Pilar de Goiás	73,5
Santa Rita do Novo Destino	84,4
Guaraíta	84,7
Guarinos	91,4
Hidrolina	88,0
Barro Alto	113,3

Fonte: Organizado pelo autor (2025).

Conforme as informações expostas na tabela 01, é possível verificar que apenas o município de Barro Alto, localizado na porção nordeste da Microrregião de Ceres, ultrapassa



os 100 km de distância em relação à cidade de Ceres. Nesse sentido, a população residente nas cidades pertencentes à Microrregião de Ceres realiza, com frequência, o deslocamento em busca dos serviços de saúde e educação ofertados em Ceres pois a distância facilita, em um curto espaço de tempo, o traslado destas pessoas e o fluxo ocorre normalmente por meio do transporte rodoviário intermunicipal utilizando transportes coletivos, veículos particulares, ambulâncias ou veículos disponibilizados pelas prefeituras de cada cidade. A figura 01 destaca esta dinâmica no espaço urbano e regional polarizado pela cidade de Ceres.

Figura 01: Concentração de veículos na região central da cidade de Ceres nas proximidades de Clínicas e Hospitais no mês de junho de 2020.



Fonte: Organizado pelo autor (2020).



Este movimento pendular, impacta diretamente no espaço urbano ceresino, visto que o acréscimo no número de automóveis, ambulâncias e ônibus intensifica o fluxo na região central da cidade onde estão concentradas a maiorias das clínicas, laboratórios e hospitais ou mesmo nas proximidades das instituições de ensino superior.

Contudo, ressalta-se que o aumento da população circulando pela cidade ao longo da semana, se deve aos acompanhantes das pessoas que vem consultar, realizar exames laboratoriais, de imagens ou mesmo procedimentos cirúrgicos. Estes acompanhantes aproveitam a oportunidade para fazer compras no comércio local diante da carência ou mesmo ausência de alguns serviços em suas cidades de origem.

Entre os segmentos comerciais destacam-se os relacionados à telefonia móvel, assistência técnica de aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos, concessionárias de automóveis e motocicletas, lojas de autopeças, lojas de produtos agrícolas, supermercados, farmácias, consultórios odontológicos, entre outros serviços.

Portanto, é possível perceber que a polarização regional exercida pela cidade de Ceres na região se deve mediante a oferta de serviços relacionados às atividades comerciais, aos serviços de saúde e educacionais. No caso dos serviços educacionais o percentual de alunos que passam a residir na cidade durante o período de vigência dos cursos de graduação, impacta de forma direta na economia local, proporcionando uma dinamização do setor imobiliário.

Para entender este comportamento funcional dos serviços ofertados na cidade de Ceres, torna-se necessário pontuar, em uma perspectiva escalar, as particularidades das cidades de pequeno porte pois as cidades que recorrem aos serviços disponíveis em Ceres também são cidades pequenas, mas a diferença entre elas encontra-se na oferta de determinados serviços especializados.

Portanto, as generalizações e simplificações socioespaciais destas cidades pode gerar equívocos e nesse sentido, devem ser analisadas com prudência para revelar a significância e funcionalidade na rede urbana regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender o comportamento funcional dos serviços ofertados na cidade de Ceres no território goiano, torna-se necessário pontuar, em uma perspectiva escalar, as particularidades das cidades e suas dinâmicas intrarregional e inter-regional.

Estas relações socioeconômicas estabelecidas principalmente entre cidades de pequeno porte e que fazem parte da área de influência direta da cidade de Ceres, evidenciam a



importância e a polarização regional que os serviços de saúde, educação e atividades comerciais em geral fomentam na região.

A verticalização destes serviços e o nível de complexidade mais elevado, diferencia o papel funcional da cidade pois a oferta de serviços de saúde de média e alta complexidade além dos serviços educacionais, em especial, com a oferta de cursos de pós-graduação *latu-senso* e *stricto-senso* ampliam raio de polarização da cidade de Ceres.

Contudo, no presente artigo, foi possível refletir sobre a importância que a cidade de Ceres exerce no território goiano. Os diálogos e considerações acerca da centralidade e polarização regional e os impactos desta lógica de produção e reprodução do espaço urbano e regional atribuído a Ceres evidenciam o papel desta cidade colocando-a como uma referência em serviços de saúde e educação.

REFERÊNCIAS

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980. p. 444.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Decreto Lei nº 3.059, de 14 fev. 1941a. **Dispõe sobre a criação das Colônias Agrícolas Nacionais**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3059-14-fevereiro-1941-413001-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10 set. 2025.

BROWN. L. A & HOLMES, J. **Delimitação de Regiões Nodais e Hierarquias por uma medida de distância**. In: FAISSOL, S. Urbanização e regionalização, relações com o desenvolvimento econômico. 1ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1978. p. 143 – 160.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 590p.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1997. 304p.

GASPAR, J. **A área de influência de Évora: sistema de funções e lugares centrais**. 2. Ed. Lisboa, 1981.

HANSEN. N. M. **Teoria dos polos de desenvolvimento em um contexto regional**. In: FAISSOL, S. Urbanização e regionalização, relações com o desenvolvimento econômico. 1ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1978. p. 143 – 160.

IBGE. **Regiões de Influência das Cidades**: 2018/IBGE, Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE. 2020, 192 p.

LASUEN, J. R. **A Respeito dos Polos de Crescimento**. In: FAISSOL, S. Urbanização e regionalização, relações com o desenvolvimento econômico. 1ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1978. p. 111 – 142.



LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 178p.

OLANDA, E. R. **Sanclerlândia-GO: Do Povoado do Cruzeiro às novas centralidades**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências e Tecnologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2010.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. 269p.

SANTOS, M. **A Cidade como centro de região: Definições e métodos de avaliação da centralidade**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959. 28p.

SPOSITO, M. E. B. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: _____ (Org.). **Textos e contexto para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: UNESP, 2001. 311p.

WHITACKER, A. M. Centro da cidade, centralidade intraurbana e cidades médias. In: MAIA, Doralice Sátyro; SILVA, William Ribeiro da; WHITACKER, Arthur Magon (org.). Centro e centralidade em cidades médias. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. 285p.

WHITACKER, A. M. Centro urbano e centralidade urbana. In: **Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto – SP**. 2003. 223f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. f. 121-223.